

ESCOLARIZAÇÃO E EDUCAÇÃO: da Convergência e Divergência

Gercinaldo Moura

Mestre em Educação pela UFPE, Professor da UFPI, sócio efetivo da ABCP
e-mail: gercinaldomoura@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este estudo pretende discutir a escolarização e a educação, como duas categorias sociais que, embora sejam abordadas como sinônimas, inclusive na própria perspectiva oficial, são questões distintas, que em determinados momentos se convergem, mas pode se caracterizar muito mais pela divergência.

O mundo globalizado impele as pessoas em direção ao xenofobismo, à intolerância diante do outro, à idéia de que há uma inevitabilidade histórica, ao consumismo e ao individualismo desenfreado. Naturalizam-se as mazelas e misérias da condição humana, em nome de um determinismo amparado num viés tecnicista e nas necessidades da concorrência internacional, isto é, da predominância do mercado.

E nossa inferência acerca da dimensão teleológica da escola, sobretudo, no mundo ocidental tem sido, via de regra, reduzida a mera disposição da demanda do mercado, sob o imperativo dos órgãos financeiros mundiais sintetizando a ideologia neoliberal. Com isso, o conceito da educação escolar se consolida na associação muito mais de uma habilidade técnica do que um “fenômeno social”, tornando-se mero sinônimo de instrução.

1 A INSTRUÇÃO

Nas delimitações do espaço escolar, os objetivos da instrução tem sido ministrar ao homem o conhecimento, o uso dos objetos e habilidades precisos para sua vida profissional, orientado pelos interesses do mercado, sobretudo numa sociedade capitalista. Cada vez mais o homem tem visto a escola apenas como um meio de ascensão social, através de uma possibilidade da aquisição de uma habilitação profissional, em detrimento, ou mesmo excluindo-se dela a função política e social que permite uma compreensão da complexidade das relações sociais e da própria natureza do homem.

2 A ESCOLARIZAÇÃO

A escola também tem ensinado a suportar ter a própria existência desperdiçada, muitas vezes, por um “professor tirano” em uma “função alienante e degradante”. Ela tem sido o rolo compressor que normaliza as consciências e apara as diferenças e genialidades, tornando-se nessa perspectiva “treinamento para escravos”. Para Rousseau o ensino deve visar mais a capacidade de discernir do que o acúmulo de conhecimentos e deve fundar-se na experiência em decorrência de um processo espontâneo e em contato com a natureza, e não na racionalidade.

3 A EDUCAÇÃO

A educação, no sentido mais autêntico, trata-se de um processo que ocorre conosco, em que alteramos crenças e valores provocados por uma atividade que exercemos sobre nós mesmos e por atividades que outros (também o meio ambiente) exercem sobre nós. A finalidade educacional deve ser o homem integral, um ser instruído e educado, despertando os valores da natureza humana, que existe em cada indivíduo em forma potencial e embrionária. Isto se desenvolve pelas influências das condições dos meios sociais em que esteja inserido. Nossa responsabilidade como professores-educadores é enorme, quanto mais ignoramos este postulado, maior o perigo da negação absoluta de uma civilização equitativa.

4 A ESCOLA

Embora para teoria neoliberal a sociedade se desenvolva na medida que se desenvolve a escola, que é um indicador do índice de desenvolvimento humano, ela por si só não é uma garantia da equidade social. A idéia de que para cada uma escola que se abre fecha-se uma cadeia, lamentavelmente não tem se constituído como uma verdade, pois os grandes criminosos e malfetores da humanidade não foram, homens de pouca instrução, ao contrario, eram homens de elevada erudição. Se as nossas escolas fossem centros de educação, poderíamos abrir escolas para fechar cadeias. Mas, as escolas são centros de instrução.

5 ESCOLARIZAÇÃO E EDUCAÇÃO

O ego (emoção/desejo) é um péssimo senhor da nossa vida, mas um ótimo servidor, portanto onde há um ego instruído sem um eu (razão) educado há aí um malfetor em potencial. Um ego pouco instruído pode fazer mal, o ego muito instruído pode fazer muito mal, se lhes faltar a devida educação da razão. O homem que vive apenas na consciência do seu ego externo, não pode deixar de ser um egoísta, que hostiliza o eu interno.

Do simples fato de o homem ser escolarizado, portanto instruído, não se segue que seja educado, que tenha valor. O ser educado não é, necessariamente, um efeito da escolarização, da instrução. O ser educado é efeito da captação de valores pela consciência e isso é o que pode tornar um homem de valor. Nas palavras de Einstein, educação é o que resta depois de ter esquecido tudo que se aprendeu na escola.

Por vezes, a obediência a esses valores é difícil e dolorosa; mas a consciência, que é o seu eco (no ser educado), exige imperiosamente que o homem obedeça a essa norma imutável. A ciência é maravilhosa, mas não é ela, necessariamente, que pode valorizar a vida do homem. A escolaridade não garante educação na mesma proporção da instrução. Instrução plena não é necessariamente educação plena. Estes elementos são como linhas paralelas que não convergem nem divergem. Suas finalidades são diversas. O ideal seria que um homem tivesse plenitude de instrução e plenitude de educação; que fosse mestre em ciência e mestre na consciência.

6 EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA

Infelizmente herdamos certos moralismo e "castidade" de uma educação "puritana". Muitos professores, certamente não se sentem à vontade para analisar e discutir a questão da violência do mundo real que vivemos revestindo o ato da educação escolar em um pretenso sacerdócio.

Na escola, lamentavelmente, os poderes públicos insistem muito em instrução e pouco em educação. A educação que pretende, restringi-se a educação moral e cívica. Esta não tem por finalidade tornar o homem educado e consciencioso, mas sim torná-lo adaptável ao convívio social com os objetivos ideológicos vigentes. A tolerância religiosa, étnica, racial, geográfica, cultural, a orientação sexual, deveriam fazer parte do currículo escolar, de um modo diferente daquelas de ordem instrumentalizante. Pois, o motivo dessa educação não é de consciência, mas apenas de conveniência. Por esta razão a educação moral e cívica jamais poderá estabelecer uma sociedade justa, fraterna e igual entre os homens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Precisamos livrar a escola desta hipocrisia, que incomoda e que faz alguns alunos e professores acharem que a educação escolar tem que ser casta, "moralmente correta", virtuosa, sem enxergar que o mundo não é assim. O que fazer para que a aula não seja casta, ingênua, para não cair na sutileza da "assexualidade da educação?".

Talvez precisemos de mais liberdade, a mesma liberdade que Sócrates necessitava para que o Agon dialético se desenvolvesse e o ensino e a aula ocorressem. Assim, a arquitetura de que precisa a didática pós-moderna não é a da sala, a do ambiente escolar ou do círculo de cultura, mas sim a "arquitetura que se forma a partir da geometria da troca de olhares humanos".

Quando a ciência se integrar totalmente na consciência, quando o homem escolarizado se educar, talvez amar ao próximo como a si mesmo se pareça mais com possibilidade do que com santidade. Portanto somente o homem educado pela consciência dos valores é que pode servir para a harmonia e justiça social.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMETAR

ROHDEN, Humberto. **Educação do Homem integral**. São Paulo: Martin Claret, 2005.